



José Cardoso Pires

Insultos de Verão

Num país com labaredas a alastrar de norte a sul, aos altos patriarcas do futebol foi oferecida, como lembrança para as eleições, uma pesada percentagem do totobola que em parte era atribuída às corporações de bombeiros. Este totoVerão promete ser uma estação insultuosa para os cidadãos de consciência que gostam de futebol.

LAMENTÁVEL. ESCANDALOSO. Revoltante.

Estou numa esplanada de Verão com Alberto T., arquitecto com dois anos de morte adiada na Guerra do Ultramar. A vários quilómetros daqui, no mar da Praia das Maças, anda a boiar o cadáver duma criança que se debateu contra as ondas tempos sem fim à vista duma multidão impotente para lhe dar socorro.

Os bombeiros tinham chamado um helicóptero da Força Aérea mas demorara. Sim, demorara imenso. E compreende-se: o telefonista, por ser cabo, teve de comunicar ao sargento e passar à escuta, o sargento actuou de pronto, carregando na cavilha que ligava ao tenente, o qual tenente, rápido como sempre, subiu o pedido ao capitão; este transferiu-o para o major que estava ausente mas que mesmo assim o despachou a sua excelência o coronel; e assim, percorridas escrupulosamente as cavilhas da disciplina e todas as continências e carimbos da Ordem, o pedido de salvação duma criança em agonia foi ter ao nosso Estado-Maior da Força Aérea donde, pronta, categórica e definitivamente, se passaram instruções à Base do Montijo para que enviasse um helicóptero de socorro à sinistrada nas condições previstas pelo regulamento. O que efectivamente se cumpriu com rigor exemplar uma hora depois de ter sido lançado o SOS, não tendo sido possível encontrar o corpo da vítima, vivo ou morto, apesar dos reiterados esforços da tripulação da aeronave.

Com efeito, expliquei eu a Alberto T., se a operação não tinha sido bem su-

cedida, também não se justificava que ele a sublinhasse de comentários exaltados. “Lamentável”, “escandaloso”, “revoltante” e outros adjectivos que tais eram expressões retintamente civis e suspeitosas ao dicionário castrense; logo, antipatriotas, subversivas e, como tal, repudiadas pelo consenso nacional.

Maurício T., arquitecto-tenente de morte vencida, fez que sim e mais que também e, num excesso francamente infeliz, declarou que da conversa dos heróis de carreira estava o mundo mais que farto. Agora que falávamos de helicópteros, confessava até que nem nos heróis alados acreditava, apesar do muito que lhes devíamos no combate aos incêndios.

Para ilustrar, citou três versos do poema que Alexandre O’Neill escrevera para a minha peça “O Render dos Heróis”,

“Há um herói mas doutro modo.

De asas presas no lodo,
levanta a voz que lhe dói...”

versos esses que, segundo ele, tinham muito a ver com aquela menina que morrera, esquecida, no mar da Praia das Maças.

Numa esplanada de Verão (II) eu e Maurício T., arquitecto, e Cartão Vermelho, meu confidente de futebol.

Falamos uma vez mais de heróis, mas agora dos imperadores do comércio e da política da bola. Robert Maxwell é a imagem de rosto limpo da exploração empresarial dos clubes desportivos, lembra Maurício T. Mas Silvio Berlusconi e Yorgas Koskotas, banqueiro mafioso associado a Papandreu, são os exemplos clássicos da corrupção levada a cabo pelo compromisso político-económico. Para além disso, há as histórias de Marselha, máfias de Nápoles e as tão faladas lavagens do dinheiro da droga.

Nós por cá, nada de assustar até ver. Buscas da Polícia Judiciária, inquéritos a cidadãos acima de toda a suspeita, um ou outro ameaço de não se sabe o quê, e fica tudo como dantes. Mas os altos patriarcas do futebol, em fotografias de família tiradas nas reuniões, têm um grão de arrogância e de displicência que inquieta o cidadão corrente. Está-lhes no rosto e no discurso que se sabem temidos pelos políticos ou que têm políticos no governo do país e, como imagem que se julgam dele, sentem-se com direito a privilégios naturais. Imunidades, impostos de favor, tudo lhes parece devido.

Agora mesmo, como lembrança para as eleições, foi-lhes oferecida uma pesada percentagem do totobola que em parte era atribuída às corporações dos bombeiros. Alberto T. indigna-se e, quanto a mim, com mais que razão. Num país com labaredas a alastrar de norte a sul, este totoVerão promete ser uma estação insultuosa para os cidadãos de consciência que gostam de futebol. ●